

“EU ME CHAMO ...”: IDENTIFICANDO CONTEXTOS FORMATIVOS E HISTÓRIAS NOS NOMES DE PROFESSORES RURAIS

“YO ME LLAMO...”: IDENTIFICANDO CONTEXTOS FORMATIVOS E HISTORIAS EN NOMBRES DE MAESTROS RURALES

“MY NAME IS...”: IDENTIFYING TRAINING CONTEXTS AND STORIES IN THE NAMES OF RURAL TEACHERS



Lúcia Gracia FERREIRA¹
e-mail: lucia.trindade@uesb.edu.br

Como referenciar este artigo:

FERREIRA, L. G. “Eu me chamo ...”: Identificando contextos formativos e histórias nos nomes de professores rurais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023124, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.16478>



- | Submetido em: 15/03/2022
- | Revisões requeridas em: 09/06/2023
- | Aprovado em: 12/09/2023
- | Publicado em: 08/12/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Itapetinga – BA – Brasil e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Amargosa-BA – Brasil. Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora da UESB/UFRB. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA e da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos (CEPEP/ CNPq/UESB) e Docência, Currículo e Formação (CEPEP/ CNPq/UFRB).

RESUMO: Este artigo foi desenvolvido a partir das narrativas e do método das histórias de vida, e refere-se às pesquisas realizadas nos anos de 2009 e 2012, desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, ambas pesquisas realizadas com professores rurais, na Bahia. As narrativas dos colaboradores permitiram o desenvolvimento deste trabalho aqui apresentado, cujo objetivo incide em analisar o que são revelados, referente a contextos e histórias de vida-formação, através dos nomes escolhidos (pseudônimos) pelos professores rurais, expressos nas narrativas (auto)biográficas. Na pesquisa, doze professores foram identificados pelos nomes escolhidos por eles e essa escolha remete a algum lugar ou papel do aspecto da vida e/ou da formação. Conforme ressaltado na literatura, tudo que é narrado é importante e essas escolhas estão ligadas à família, ao contexto, às lembranças da infância, aos gostos, ao jeito de ser e a outras questões. Assim, vale ressaltar a contribuição desse trabalho, pois as narrativas expressam aspectos da identidade e o nome é parte disso. Esses nomes narrados e contextualizados, e seus sentidos e significados, remeteram a uma discussão sobre identidade e formação desses professores rurais.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Narrativas (auto)biográficas. Histórias de vida.

RESUMEN: Este artículo fue desarrollado a partir de las narrativas y el método de las historias de vida, y se refiere a las investigaciones realizadas en los años 2009 y 2012, desarrolladas en el ámbito del Programa de Posgrado en Educación y Contemporaneidad de la Universidad Estadual de Bahía y del Programa de Posgrado en Educación, de la Universidad Federal de São Carlos, ambos estudios fueron realizados con maestros rurales de Bahía. Las narrativas de los colaboradores permitieron el desarrollo de este trabajo que aquí se presenta, cuyo objetivo es analizar lo que se revela, refiriéndose a contextos e historias de formación de vida, a través de los nombres escogidos (seudónimos) por los maestros rurales, expresados en las narrativas (auto)biográficas. En la investigación, doce docentes fueron identificados por los nombres elegidos por ellos y esta elección se refiere a algún lugar o rol en el aspecto de la vida y/o formación. Como se destaca en la literatura, todo lo que se narra es importante y estas elecciones están vinculadas a la familia, el contexto, los recuerdos de la infancia, los gustos, la forma de ser y otras cuestiones. Así, cabe destacar el aporte de esta obra, ya que las narrativas expresan aspectos de identidad y el nombre forma parte de ella. Estos nombres narrados y contextualizados, y sus sentidos y significados, dieron lugar a una discusión sobre la identidad y la formación de estos maestros rurales.

PALABRAS CLAVE: Formación docente. Narraciones (auto)biográficas. Historias de vida.

ABSTRACT: This article was developed based on narratives and the life story method, and refers to research carried out in 2009 and 2012, developed within the scope of the Postgraduate Program in Education and Contemporary Studies at the State University of Bahia and the Postgraduate Program in Education, at the Federal University of São Carlos, both researches carried out with rural teachers, in Bahia. The collaborators' narratives allowed the development of this work presented here, whose objective is to analyze what is revealed, regarding contexts and life-education stories, through the names chosen (pseudonyms) by rural teachers, expressed in the (auto)biographical narratives. In the research, twelve teachers were identified by the names they chose and this choice refers to some place or role in the aspect of life and/or training. As highlighted in the literature, everything that is narrated is important and these choices are linked to family, context, childhood memories, tastes, way of being and other issues. Therefore, it is worth highlighting the contribution of this work, as narratives express aspects of identity and the name is part of this. These narrated and contextualized names, and their meanings and meanings, led to a discussion about the identity and training of these rural teachers.

KEYWORDS: Teacher training. (Auto)biographical narratives. Life stories.

Introdução

Nestes últimos anos, debates no campo educacional vêm sendo provocados sobre as narrativas (auto)biográficas, que estão sendo cada vez mais utilizadas nas pesquisas que tratam da formação de professores. Assim, neste estudo, objetivamos analisar o que são revelados, referente a contextos e histórias de vida-formação, através dos nomes escolhidos (pseudônimos) pelos professores rurais, expressos nas narrativas (auto)biográficas.

Rememorar é poder, além de trazer à tona lembranças, promover a reflexão sobre as experiências vivenciadas. As histórias narradas da memória nos possibilitam ampliar horizontes, e o trabalho com a memória reúne uma pluralidade de significados e explica uma diversidade de vivências. Por exemplo, ao narrar minha história, permito-me conhecer a mim mesma, já que “[...] a escrita da narrativa tem um efeito formador por si só. Isto porque coloca o ator num campo de reflexão [...]” (SOUZA, 2006, p. 60). Quando falo de mim, desloco-me de posição, situo-me como autora e atriz, narradora-leitora da minha história, ao mesmo tempo em que me aprofundo, me distancio para narrar, refletir e entender o meu percurso de vida-formação.

Parto da ideia de Souza (2006, p. 107), quando afirma que “lembrar é uma atividade do presente, é muito mais do que reviver o passado, porque rememorar pode significar trazer para o presente fatos já vividos no passado”. Com esse pensamento, intento aqui, através das narrativas (auto)biográficas, apresentar fatos da memória, já que “o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história” (POLLAK, 1989, p. 9).

As narrativas (auto)biográficas, escritas ou orais, questionam os sentidos das experiências de vida, aprendizagens e saberes, e, através das memórias de si, permitem o entendimento da formação (SOUZA, 2006). Por isso, as nossas trajetórias de vida nos admitem afirmar que é possível aprender com as experiências. Essas narrativas permitem pensar sobre as experiências, as aprendizagens e os sentidos presentes na formação, pois foram adquiridos num contexto individual e coletivo e fazem parte do processo identitário do indivíduo.

A reflexão proporcionada pelas narrativas (auto)biográficas se configura também como abordagem de (auto)formação, quando constituída no âmbito da pesquisa-formação, que, segundo Chamlian (2006), ao mesmo tempo que permite desenvolver um processo de reflexão sobre a profissão docente, também aparece como oportunidade de investigação sobre a formação do professor. Nesse contexto, a pesquisa-formação estabelece um contato com as histórias de vidas e as narrativas e/ou escritas (auto)biográficas, instituindo-se como pesquisa, ou seja, processo de investigação, e como processo de (auto)formação. Nessas narrativas, o

sujeito que narra é, ao mesmo tempo, ator e autor de sua história, e as histórias de vida assumem-se como processo de formação. Para a autora, os estudos que tomam a abordagem experiencial e as histórias de vida como prática de formação têm se delineado, em alguns grupos de pesquisa, como pesquisa-formação (SOUZA, 2007).

As narrativas serão tratadas aqui como parte da trajetória de vida, e serão caracterizadas como narrativas de formação, que têm sido muito utilizadas como procedimentos de formação de professores e de investigação. Segundo Cunha (1997, p. 191), “as narrativas podem ser tanto um fenômeno que se investiga como um método de investigação”, a partir das histórias de vida. As narrativas de formação permitem que o sujeito fale de sua experiência de vida, relatando aquilo que foi formador. Para Souza (2006, p. 70), as narrativas consistem na expressão dos “saberes dos sujeitos, suas experiências, sua subjetividade e singularidade como princípio fundamental para um conhecimento de si, através das lembranças e memórias que o processo identitário e a vivência da escolarização comportam”. Nesse sentido, as memórias da infância e de toda a escolarização carregam em si marcas das aprendizagens construídas ao longo da vida e, como estão ligadas ao processo identitário do sujeito, chamamo-las de percurso de vida-formação.

As lembranças e memórias que vêm à tona através das narrativas são, segundo Josso (2004), recordações-referência² e constituídas de experiências formadoras. Experiências que, no processo de reflexão sobre as histórias de vida, são sempre relatadas. Então, nesse processo, a pessoa que narra reapropria-se da experiência, dando-lhe um sentido e um significado. Através das narrativas, o narrador pode encontrar um lugar para estruturar a sua experiência e compreender o que é e o que não é no seu percurso de vida-formação.

Nesse aspecto, a abordagem biográfica, a partir das histórias de vida, configura-se como um processo de conhecimento (SOUZA, 2006). E aqui proponho falar de mim, das minhas memórias, através das narrativas de formação. Falo de mim com o intuito de refletir sobre minha história. Como nos adverte Pineau (1999), devemos refletir sobre nossas próprias histórias de vida antes de acompanhar outros a fazê-lo.

Como autor(a), ator/atriz, narrador(a)-leitor(a) da própria história situa marcas singulares, que emergem de um mergulho na subjetividade, permitido por meio do método das histórias de vida. Assim, nesse processo de formação, a narrativa “inscreve-se na subjetividade e implica-se com as dimensões espaço-temporal dos sujeitos quando narram suas experiências”

² Conceitos de Josso (2004) que fazem referência às recordações de si/sobre si que podem ser qualificadas como experiências de (auto)formação, em que o autor cita muitos elementos constitutivos da sua formação.

(SOUZA, 2008, p. 94), ou seja, o sujeito se apropria da sua história de vida num movimento individual, singular, carregado de subjetividades, que integra o eu ao passado recomposto.

Delory-Momberger (2006, p. 362) relata que nos apropriamos das nossas histórias de vida quando realizamos a narrativa das nossas vidas. Assim, a formação se dá por meio dessas histórias de vida. O efeito da narrativa é descrito pela autora através de duas características: como uma reconfiguração, ou seja, uma síntese do heterogêneo, recorrendo a um movimento de discordância-concordância e espaço-temporal, e como uma constituição no tempo e no espaço de uma enunciação e de uma inter-relação singulares. A narrativa de vida, nesse movimento, não é única, ela é constantemente reconstruída, cada vez que é anunciada, e, juntamente com ela, o sentido da vida que se anuncia.

(Re)apropriar-se do sentido já existente da história de vida, através das narrativas, permite-nos (re)encontrar o lugar da formação. Ao refazer nossas histórias de vida, atuamos como responsáveis pela nossa própria formação, pois, nesse jogo, o sentido da realidade está por trás de si, por trás do vivido, visto que se encontra recalcado. Assim, na narrativa, produzimos a história da nossa vida como autores, porém, distanciamos-nos quando refletimos sobre ela e a analisamos como leitores. É nesse processo de objetivação/subjetivação que tomamos forma, elaboramos e experimentamos a nossa história. Com isso, segundo a autora, é a narrativa que “faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma *história* a nossa vida: *não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida*” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 37, grifos da autora).

Metodologia

Para este estudo, realizamos uma pesquisa qualitativa que, conforme Mineiro, Silva e Ferreira (2022, p. 207), “consiste em uma abordagem de investigação que considera a conexão do sujeito com o mundo e suas relações, não desconsiderando a subjetividade dos participantes do estudo nem do pesquisador, entendendo que não é possível o desenvolvimento de um trabalho asséptico”. Ratificamos que se trata, também, de uma pesquisa exploratória, cuja intencionalidade é de explorar o fenômeno em estudo.

Os dados aqui partiram de duas pesquisas de abordagem (auto)biográfica, inserida na abordagem qualitativa, e as histórias de vida como método e técnica de pesquisa. Ainda, foi utilizada a pesquisa-formação, quanto aos procedimentos. Este método das histórias de vida se

caracteriza por trabalhar a história como processo de rememorar e corresponde a uma totalidade ou uma especificidade da vida, por privilegiar um duplo processo: de pesquisa, enquanto investigação e produção de conhecimento; e de formação, por proporcionar o conhecimento de si e as práticas de formação.

Dessa forma, este trabalho, desenvolvido a partir dessas narrativas, refere-se a duas pesquisas realizadas: uma, no ano de 2009 – desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, na Universidade do Estado da Bahia, que teve como foco a formação, a identidade, os saberes e as práticas das professoras rurais do município de Itapetinga; outra, no ano de 2012 – desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal de São Carlos, cujo foco incidia sobre as narrativas de professores rurais, em início de carreira, dos municípios de Macarani e Maiquinique, na Bahia.

Os dados que se constituem *corpus* deste trabalho foram produzidos no âmbito da entrevista narrativa, na primeira pesquisa citada, e através das entrevistas narrativas e cartas trocadas entre pesquisadora e colaboradores, na segunda pesquisa. Percebemos que todos os participantes da primeira pesquisa, ou seja, 10, eram mulheres. Na segunda pesquisa, foram participantes um professor e uma professora.

A riqueza das narrativas das colaboradoras permitiu o desenvolvimento deste trabalho aqui apresentado, cujo objetivo incidiu em analisar o que é revelado, referente a contextos e histórias de vida-formação, através dos nomes escolhidos (pseudônimos) pelos professores rurais, expressos nas narrativas (auto)biográficas. Na pesquisa, doze professores foram identificados pelos nomes escolhidos por eles e essa escolha remete a algum lugar ou papel do aspecto da vida e/ou da formação.

Conforme ressaltado na literatura, tudo que é narrado é importante e nenhum dos participantes da pesquisa aqui relatado deixou de escolher um nome e justificar suas escolhas; escolhas essas ligadas à família, ao contexto, às lembranças da infância, aos gostos, ao jeito de ser e a outras questões (CIAMPA, 1986; 1995; DOMINICÉ, 2010; FERREIRA, 2010; RIOS, 2011; SAMPAIO, 2008).

Os nomes na primeira pesquisa: desvelando contextos e histórias de professores rurais

Sabemos que a identidade profissional docente é construída ao longo da vida, pessoal e social, ao longo da carreira e da formação, e está em constante mudança. Assumindo esse pressuposto é que se tomou, neste estudo, como eixo de investigação, a questão do “quem sou”. Assim, pude constatar que, nas entrevistas, primeiramente, os professores se identificam

enquanto pessoa, emergindo dessas falas de identificação suas representatividades e múltiplas identidades. As narrativas revelam aspectos da vida dessas professoras (FERREIRA, 2010) e o nome (pseudônimo) aparece, conforme exposto abaixo:

Sou Estrela Fulana de Tal³. Tenho 43 anos. Vim de uma família de 10 filhos. Pai, mãe e 10 filhos. Nasci no Estado de Minas Gerais, em uma fazenda linda e maravilhosa, herança herdada pela minha mãe.

Meu nome é Géssica Fulana de Tal, tenho 45 anos, natural de Santa Cruz da Vitória, Bahia. Sou viúva, tenho duas filhas [...]. Nasci numa fazenda, o nome da fazenda, Fazenda Sou de Deus, fui criada nessa fazenda.

Me chamo Keli Fulana de Tal. Nascida em 13 de novembro de 1967. Filha de João e Jovelina. Tenho quatro irmãos da primeira convivência do meu pai. Minha mãe, é, aos 09 anos de idade ela chegou a falecer devido a um acidente.

Me chamo Yasmin, sou, nasci em 17 de maio de 75. Sou de uma família humilde. Minha infância foi uma infância muito doce, porém tem algumas coisas que eu sinto falta.

Eu sou Maria. Filha de Manoel Fulano de Tal e Maria Senhora Fulana de Tal. Meu pai é motorista aposentado e minha mãe trabalha até hoje como técnica de enfermagem. É, tenho sete irmãos, sou, na verdade (*a entrevistada emociona-se*). Tenho seis irmãos, tenho seis irmãos.

Eu sou Carla Fulana de Tal, tenho 28 anos, sou educadora, sou evangélica. [...] Na minha infância, meus pais se separaram eu tinha ainda 03 anos.

Eu sou Auxiliadora, sou casada, tenho um filho [...] Tenho seis irmãos né? E tenho mais dois irmãos por parte de meu pai, do segundo casamento dele. Então um total de oito irmãos.

Sou Leci. Tenho 39 anos. [...] Eu nasci em Itapetinga. Meu pai é Almerindo e minha mãe Generosa. Tenho cinco irmãos. Minha mãe é doméstica, nunca trabalhou fora de casa, meu pai foi guarda noturno há 27 anos, hoje já está aposentado.

Sou Bárbara Fulana de Tal. Nasci em plena copa do mundo, na cidade São Paulo. Momento esse, relatado pelos meus pais a qual minha mãe teve uma gravidez muito complicada.

Eu sou Nanete. Tenho 34 anos. Eu sou de uma família de seis irmãos. Eu sou a segunda mulher né? Mais velha.

³ Fulana de Tal é um complemento ao nome escolhido que quer dizer que esta professora se identificou pelo nome completo.

Desse modo, essas professoras se caracterizam da forma como identificam seus diferentes papéis. Ciampa (1986) considera que, quando há identificação do sujeito com aquele papel, é porque a este se confere uma identidade (de professora, de secretária, de mãe etc.). As identidades dessas professoras são tecidas nas dimensões da subjetividade e na dialeticidade. Representamos o que somos, mas também ocultamos muito desse eu que somos. Por sermos autores da nossa história, podemos nos revelar através do que somos ou de um personagem e, também, através das coisas que ocultamos. Somos, ao mesmo tempo, ocultação e revelação.

A partir da forma como se representam e se identificam foi que tentei compreender a identidade das professoras da zona rural como sujeitos sociais. Percebi que, primeiramente, todas se identificaram pelo nome. Quando se pergunta a si mesmo: quem sou?, a resposta é sempre o nome e através dele nos identificamos. Este nome é visto como elemento da singularidade num processo complexo de igualdade e diferença. Essa "é uma primeira noção de identidade" (CIAMPA, 1986, p. 63). Nessa perspectiva, vamos nos diferenciando e igualando de acordo com o grupo social do qual fazemos parte: somos mulheres e iguais a outras mulheres na questão do gênero, o que nos faz diferentes de homens. Identidade é diferença (SILVA, 2000). Vimos muito de nós nos outros. Assim, a resposta da pergunta feita é uma representação da identidade e, para desvelar essa identidade, torna-se necessário partir da representação "como um produto, para analisar o próprio processo de produção" (CIAMPA, 1986, p. 65).

No processo dessa busca da identidade, também os aspectos constitutivos e suas implicações devem ser valorizados, pois a identidade que "se constitui no produto de um permanente processo de identificação aparece como um *dado* e não como um *dar-se* constante que expressa o movimento do social" (op. cit, p. 68, grifos do autor).

Assim, além do nome, algumas o nome completo, e a data de nascimento, as professoras se identificam: é revelada também a composição familiar com nome de pais e profissão e número de irmãos, número de filhos, local de nascimento, crenças religiosas, situações do seu nascimento. É desse modo que suas identidades se revelam. Dessa forma, nas mesmas ordens em que foram apresentadas as narrativas acima, serão apresentadas aqui. As professoras revelam porque escolheram os nomes (pseudônimos). Conforme as narrativas:

Eu quero ser chamada de **Estrela**. Porque eu acho que a estrela é algo que tá sempre brilhando, mesmo que a gente não veja, que de dia a gente acha que ela não tá lá, mas ela tá lá. E eu acho que o que eu queria, na zona rural, era tá assim sempre brilhando, pra mostrar algo que, tirar algo da escuridão. Iluminar algo na escuridão.

Eu prefiro o nome **Géssica** que é o nome da minha filha que eu gosto muito. É o nome da minha filha mais nova.

Na minha infância, eu tinha uma bonequinha que ganhei da minha mãe, que eu brincava com ela e dei o nome dela de Keli e aí eu mesma escolhi esse nome não sei nem por quê. Talvez por ser um nome pequeno, ou ter uma colega, era Keli Cristina. Cristina eu sabia que era porque tinha uma colega que eu gostava muito, mas Keli eu achei bonitinho, então eu achava, coloquei o nome da minha boneca de Keli Cristina. Esse nome, Keli Cristina, por alguns anos eu fantasiei, quando eu tivesse uma menina, eu ia colocar esse nome, mas só que não ia ser Keli Cristina porque ia ser um nome grande demais. Eu já ia diminuir no nome, ia colocar Keli. Então pode ser o meu nome fictício, pode ser o nome. Pode ser Keli por ser menor e por eu ter tido uma infância com a boneca, gostei muito. Então pode ser **Keli**.

Acho que queria ser **Yasmin** porque é o nome da minha filha.

E eu quero ser chamada de **Maria** porque Maria para mim é sinônimo de força, de persistência, de dedicação, de luta. Então é esse o nome que eu quero ser chamada.

Olha, eu sou muito verdadeira, eu gostaria de ser chamada pelo meu próprio nome, **Carla**.

Talvez Auxiliadora seria um bom nome. Porque é um, já está dizendo que é um nome que é de alguém, de algo auxiliar, de ajudar. Então eu acho que eu fiz um pouquinho, ajudei um pouquinho essas crianças, a melhorar o seu aprendizado. Então acho que **Auxiliadora** seria meu nome nessa pesquisa.

Eu me identifico com o nome **Leci**. Meu nome é Leci. Foi o nome da minha primeira professora. Minha primeira professora foi Leci. E hoje eu sou professora agradeço a ela. Foi desde essa época, que eu era pequena, quando eu tive a primeira professora com esse nome, eu queria ser professora por causa dela, por quê? Que ela era dedicada, uma professora dedicada, amorosa, era carinhosa. A sala era feliz, todos brincavam, todos alegravam juntos e ela tinha uma afinidade muito grande com os alunos. E aquilo me deixava assim radiante. Todo aluno, você via o sorriso dos outros alunos, a felicidade na sala de aula. Então, aquilo fazia com que a gente aprendesse mais. Então eu queria, desde essa época, que eu já tinha opção já feita, era criança ainda, mas já pensava em ser professora, por causa de Leci hoje estar assim. Procuro fazer o que ela fazia, pra mim ver a minha sala feliz o tempo inteiro como Leci fazia com a sala de aula dela, na época que eu era criança.

O nome que me veio logo à mente, assim relacionada ao nome a usar foi **Bárbara**. Eu diria que é um nome que eu sempre gostei, Bárbara, desde a minha infância. Eu acredito também que algo assim, minha irmã sempre relatava, assim, que por ela ter nascido numa época, não que eu creio, não creio em santos, assim que era um nome que ela achava que deveria ser o dela. E ela falava tanto na infância que por isso que registrou no subconsciente.

Eu posso colocar o nome de minha mãe? Então coloca ai **Nanete**, porque foi, é uma pessoa, assim, que sempre esteve presente a cada momento. Sempre, aquela pessoa que teve sempre pronta para na hora que eu precisasse, ela tava ali sempre. E até hoje ela é assim comigo. Então é uma pessoa que me deu um apoio constante, por isso que eu vou escolher o nome dela.

Os nomes foram escolhidos pelas dez professoras e revelaram contextos e histórias de vida-formação. O contexto familiar é apontado como aspecto importante da vida. Géssica é mãe de duas filhas, mas escolhe o nome da mais nova por gostar muito mais desta; entendo que seja pelo fato de os filhos mais novos aspirarem mais cuidados e serem “mais lembrados” pelos pais. Yasmin fala, em sua história, que sempre quis ter dois filhos, um menino e uma menina, e assim aconteceu, portanto, ela queria ser representada na pesquisa pelo nome da filha. As filhas, nesse contexto, são apontadas como bens valiosos, sujeitos valorosos que fazem parte de suas vidas. Nanete também remete ao contexto familiar, ao escolher o nome da mãe, pessoa a quem se referencia como aquela que esteve sempre com ela, dando apoio, conforto. A figura da mãe é trazida como lembrança de que Nanete nunca esteve só porque alguém esteve com ela em todos os momentos. Assim, mãe e filha são citadas.

A primeira professora faz parte da história de Leci. Uma professora dedicada, que fazia seus alunos felizes, que cumpria sua tarefa de ensinar e que influenciou a escolha de Leci, quando essa ainda era criança. Está presente na fala de Leci o desejo de se transformar na professora que um dia ela teve, de ser como esta professora que deixava os alunos radiantes. A sensação que Leci tinha, nesta sala, com esta professora, era tão boa que ela queria mostrar, queria que seus alunos sentissem.

As falas acima demonstram aspectos dos sujeitos que foram revelados através dos nomes, de identidades contextualizadas. Dominicé (2010) fala que todas as pessoas citadas, numa narrativa, são importantes e exerceram influência no percurso da vida-formação.

As lembranças da infância também têm a ver com a escolha de Keli e a boneca da qual gostava muito. Essa boneca foi dada pela mãe e que levou o nome de uma colega, duas pessoas a quem remete com amor. O nome Keli, primeiro justificado pelo olvido, depois elevado a uma boa recordação – nome da colega – foi escolhido. E, nesse contexto, outro aspecto também se torna relevante, a importância dada pelo nome a ponto de ser trazido da infância para a vida adulta, como aquele que chamaria uma futura filha. Keli só teve um filho (menino), mas é perceptível que o nome não caiu no esquecimento. O nome que fantasiou por anos era especial e remetia a um momento de sua vida – a infância.

Barbara fala de um pseudônimo ligado à infância e à família. Menciona-o como sendo o primeiro que lhe veio à mente, assim, entendo que, de alguma forma, esse nome marcou sua vida. E de fato marcou, pois fala da irmã e da época em que esta nasceu, referenciando, certamente, ao dia de Santa Bárbara, e que, portanto, o nome dela (da irmã) deveria ser Bárbara. Remete ao que não foi (não foi o nome da irmã), mas que, nesta pesquisa, ela quis que fosse; marca um lugar na história e a importância da irmã, a ponto de escolher um pseudônimo que tivesse importância para a irmã.

A escolha de Maria tem relação com aquilo que o nome representa: força, persistência, dedicação, luta. Acredito que ela faz uma conotação religiosa à Maria, mãe de Jesus, que, até hoje, é referenciada com as características citadas. Mas também pode ter relação com as “Marias”, nome comum⁴, que muitas vezes é referenciado às mulheres que também têm conquistado um lugar na sociedade, devido às características citadas. Assim, de uma forma ou de outra, é dessa maneira que ela remete a si mesma, como aquela que tem forças para lutar, persiste e se dedica.

Verdadeiro é aquilo que está em conformidade com a realidade, que não é fictício. Carla quis ser chamada pelo seu verdadeiro nome, nome oficial, que está em sua certidão de nascimento, por ser assim que a caracteriza. Auxiliadora, por ser um nome próprio, uma palavra derivada de auxiliar que quer dizer “que ajuda”. É dessa forma que ela se vê, numa sala de aula, como uma auxiliadora, uma ajudadora e, portanto, o nome mais apropriado para representá-la.

A última professora quis ser representada como Estrela. O que seria uma estrela? É um corpo celeste que tem luz própria. Aqui, nesta pesquisa, é isso, mas com letra maiúscula; é isso, mas sendo nome próprio. Lembro-me bem dessa entrevista e a forma como justificou a escolha do nome. Se de fato pudesse, ela teria luz própria para tirar a zona rural desse lugar de invisibilidade social ao qual é remetido há muito tempo; para tirar esse contexto do lugar do esquecimento, da escuridão; luz própria porque iluminaria, sendo dia ou noite, e brilharia porque estrela não depende de nada para brilhar. É aquela que guia, que mostra, que revela, que ilumina, que não se apaga ainda que seja dia. A professora quis ser chamada pelo que gostaria de representar no mundo, como queria ser e justificou onde queria atuar (iluminar), pois dessa forma poderia persistir, mudar.

⁴ Assim como “Maria”, o nome próprio vem sendo usado em nossa sociedade para representar muitas coisas, como: Amélia, mulher do lar que se dedica à vida doméstica; Patricinha/Mauricinho, mulher e homem mimados que esnobam; e/ou Ricardão, nome dado ao homem que é amante de mulher casada ou comprometida.

Essas quatro últimas professoras (Estrela, Maria, Carla e Auxiliadora) remeteram a representações para serem identificadas na pesquisa. São nomes que apontam a aspectos que, socialmente, têm representações positivas – Estrela (brilha, ilumina); Maria (conotação de força e crença); Carla (ao que é verdadeiro); Auxiliadora (a que ajuda, auxilia) – dessa forma, são nomes bem aceitos na sociedade.

Muitos são citados e todos, de alguma forma, fazem parte da vida-formação dessas professoras e foram trazidos à tona através da memória. Sobre essa questão, Dominicé (2010, p. 95) aponta que:

A formação assemelha-se a um processo de socialização, no decurso do qual os contextos familiares, escolares e profissionais constituem lugares de regulação de processos específicos que se enredam uns aos outros, dando uma forma original a cada história de vida. Na família de origem, na escola, no seio dos grupos profissionais, as relações marcantes, que ficam na memória, são dominadas por uma bipolaridade de rejeição e de adesão. A formação passa pelas contrariedades que foi preciso ultrapassar, pelas aberturas oferecidas.

A formação dá-se em uma dimensão espaço-temporal, ao longo da vida. Esse processo contém as vivências e experiências e as aprendizagens que se relacionam à identidade pessoal e profissional. Conforme Dominicé (2010, p. 88), “as histórias de vida nunca são as mesmas”, e essas professoras mostram isso em suas escolhas.

Os nomes na segunda pesquisa: desvelando contextos e histórias de professores rurais

Lembrei-me do livro do Nóvoa (1992), “Vida de professores”, e o porquê do título da obra. Ao retratar o esquecimento a que esteve relegada a vida dos professores, o autor chama a atenção para a não possibilidade de separar o eu pessoal do eu profissional na profissão docente. Nesse aspecto, está em consonância com Nias (1991): “o professor é uma pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor” (p. 15). Assim, o processo identitário envolve todos os seres humanos que vivenciamos durante nossa vida. Dessa forma, ao falar da vida de professores rurais, foram sinalizados tanto aspectos da vida pessoal quanto da profissional, dada a questão da identidade ser a mesma.

Os participantes dessa pesquisa, cujas histórias são reveladas por Ferreira (2014), escolheram os seus nomes (pseudônimos): Cientista e Matilde, conforme justificativas apresentadas a seguir:

De Cientista porque era assim que me chamavam desde a minha infância. Sempre foi assim, quando quebravam alguma coisa me chamavam pra

consertar. Posso dizer que esse nome vem de minha infância (Entrevista - Cientista).

Matilde é um nome bonito, eu gosto. Quando eu era criança, eu assistia um desenho de uma menina órfã, que vivia no orfanato, que se chamava Matilde. Ela aprontava bastante. Matilde, porque eu gostava do desenho (Entrevista – Matilde).

O primeiro colaborador tem, na escolha do seu nome, uma marca da infância, vinculado a um talento que possui. Tem relação também com a vida adulta, visto que, além de professor, Cientista é também mecânico de motos. Nome que marca uma fase de sua vida e agora é acionado pela memória, nesse processo de formação. A segunda colaboradora revelou que vinculou o seu pseudônimo ao gosto, à beleza e às memórias da infância; tem relação com o brincar, o encantar-se quando criança.

Ciampa (1986; 1995), ao se referir à identidade, diz que essa é metamorfose, que, quando pensamos na identidade, logo surge a pergunta: quem é você? E a resposta é sempre um nome próprio. É a primeira maneira de nos apresentarmos. O nome nos singulariza, nos identifica em um conjunto de outros seres. Assim, “nós nos ‘tornamos’ nosso nome” (1986, p. 63). Por isso nos ofendemos quando trocam nossos nomes e por isso se torna estranho pensarmos em nós mesmos com outro nome, ou preferimos sermos chamados por apelidos, estes que incorporam muito de nós. Acredito que um nome do qual gostamos, que tem representatividade em nossas vidas, que, por alguma razão, incorporamos em nós, é mais fácil de pensarmos nele como nosso. Cientista e Matilde são os nomes que identificam, que representam os participantes desta pesquisa. Mesmo sendo só um nome, este faz parte da identidade e da construção da docência.

Para Ciampa (1995), a identidade é representada pelo nome, mas ele sozinho não é suficiente para representar toda a nossa identidade. Severino apresenta-se pelo seu nome: “meu nome é Severino”. Depois, na tentativa de se diferenciar de vários Severinos existentes, fala o nome da mãe, do pai, da sua região, do seu estado, pois “um nome nos identifica e nós com ele nos identificamos” (p. 131). Incorporamos um nome que nos foi dado e passamos a nos identificar através dele, ele “é o símbolo de nós mesmos” (p. 131). Na carta 1, Matilde, expôs:

Macarani, 11 de abril de 2011.

Cara colega,

Sou Matilde da Silva⁵, tenho 29 anos, sou professora da zona rural há dois anos, tenho três irmãs: K.6, R. e L.; tenho um filho de três anos fruto do meu relacionamento com D.

Cientista faz a apresentação na carta 2:

Olá Lúcia, como já sabe, meu nome é Cientista Santos, tenho 35 anos e resido na cidade de Maiquinique-Bahia. Sou casado e não tenho filhos.

Matilde e Cientista se identificam com substantivos e adjetivos. Isso se relaciona a aspectos centrais deste trabalho, pois, através dessas narrativas, percebe-se um pouco da pessoa que discursa por meio da voz desses professores.

Sobre essa temática, Ciampa (1995) faz uma reflexão ao falar de Severina, quando seu marido rasga sua certidão de nascimento. Ela narra que foi registrada em cartório, pela família que a empregara quando já era moça, após a morte de sua mãe. Dessa forma, carregava o sobrenome daquela família e não da sua família biológica. Por isso ela era falsa, porque na verdade não era Severina de tal. O autor chama atenção para a fala dela quando diz “eu sou falsa”.

Ao nascermos, dão-nos um prenome que nos diferencia dos outros. Os nomes que nos igualam a algum familiar vêm acrescidos de Júnior, Filho, Neto. O sobrenome nos faz igual aos outros da família. O nome completo indica cada indivíduo em particular (com nome e sobrenome). Ao mesmo tempo em que nos diferencia, nos iguala. Essa é uma característica da identidade, que articula essas duas “faces da mesma moeda”. Isso me trouxe uma lembrança escrita em meu diário. Meu nome é Lúcia Gracia Ferreira, mas senti-me estranha, “falsa”, fora de mim quando descobri algo.

Lá em São Paulo, descobri que o nome de meu pai é Edmundo Ramos da Cruz e não Edmundo Ramos Ferreira. Não sei como ele conseguiu mudar o nome. Isso deu um nó na minha cabeça. É a minha identidade. É sobre ela que estamos falando (Meu diário, 13/10/2009).

No ano de 2009, fiquei em São Paulo entre os meses de maio e julho. Nesse período, visitei toda a minha parentela. Entre ela, está uma tia de quem gosto muito (tia Tê), que mora no Guarujá e me disse que, na família, não há ninguém com a assinatura Ferreira e que ela não sabia de onde meu pai havia tirado esse sobrenome. E constatei que, realmente, os meus tios e primos têm o sobrenome Cruz. Ainda me lembro do dia em que conversamos sobre isso. Senti

⁵ Os dois participantes falaram o nome completo que aqui foi ocultado e adicionado sobrenomes aleatórios.

⁶ As iniciais em itálico referem-se aos nomes citados que foram ocultados.

uma sensação de estranheza só de pensar em Lúcia Gracia Cruz. Esta não seria eu. Estranheza que sinto também quando as pessoas erram meu nome e me chamam de Lúcia Garcia ou de Lúcia Grácia. Tenho que repetir sempre “é Gracia”. Sobre o meu nome, já basta o fato de ser Garcia mesmo, mas que, por causa de um erro do cartório, minha mãe foi registrada com o Gracia e eu e meus irmãos também ficamos com a assinatura “errada”. Hoje eu e meus irmãos não a consideramos errada, mas nova, diferente. É o nosso sobrenome e todos nós gostamos. Crescemos com ele, faz parte da nossa identidade. Essa sou eu – Lúcia Gracia Ferreira – com todos os erros, novidades e diferenças.

Ao falarmos nosso nome como forma de nos apresentarmos, apenas expomos uma representação, pois não consideramos os aspectos que constituem essa identidade. Nome é produto, identidade é processo. Mas partimos da representação (o nome, por exemplo) para entendermos a identidade (o processo de construção dessa).

Sobre essa questão, cito Sampaio (2008) que, durante a realização de uma pesquisa, conversou com seus participantes, perguntando-lhes como queriam ser identificados. Declarou que “alterar ou omitir seus nomes sem consultá-los era, para mim, considerá-los desencarnados, como se não fizesse parte dessa história” (p. 54), por isso optou em ouvir seus colaboradores. Alguns quiseram ser identificados pelo nome verdadeiro, outros pelo nome verdadeiro completo e outros não quiseram ser identificados. Assim ocorreu, sem, contudo, deixar de contar a história. É dessa forma que acontece. Com base nisso, também optei, nesta pesquisa sobre professores rurais, que pudessem escolher a forma pela qual seriam referidos.

Rios (2011), também realizou um estudo sobre o lugar do nome e da tradição familiar na constituição das identidades de alunos e alunas da roça e constatou que “o ato de nomear traz em si marcas da ‘tradição’” (p. 275). O nome fala; representa a existência em íntima relação com a identidade; está ligado a um sistema simbólico que o representa. Concordo com a autora, pois isso é perceptível através das escolhas dos nomes dos colaboradores da tese aqui remetida. Dessa forma, o nome tem um lugar na constituição das identidades.

Dominicé (2010) diz que todos os que são citados numa narrativa fazem parte de nosso processo de formação. Portanto, ao relatar aspectos da vida dos colaboradores desta pesquisa, vale também ressaltar que há, nas narrativas, aspectos de suas identidades, construídas na dialética, num processo de socialização, referente a um contexto histórico, marcadas por desafios e dificuldades que os fizeram ser o que são, numa identidade em constante movimento.

Sobre os nomes...

Outras produções da autora, sobre formação docente, desenvolvimento profissional, identidade de professores e professores rurais, vêm demonstrando as particularidades desse contexto – rural –, deste sujeito – professor – e aspectos de sua formação. Além das carências e necessidades postas para atendimento dessas perspectivas (FERREIRA, 2011a; 2011b; 2015; 2017; 2019; 2020a; 2020b; 2020c; 2021; FERREIRA *et al.*, 2011; FERREIRA; ANUNCIATO, 2018a; 2018b; 2020; FERREIRA; FERRAZ, 2021).

O nome como perspectiva identitária aparece nos estudos aqui compartilhados e isso é importante para pensarmos a pesquisa, a formação docente, o desenvolvimento profissional e as articulações presentes nas histórias que acompanham os nomes escolhidos, porque o processo de escolha sempre carrega uma história e a decisão carrega uma representação.

Entendemos esses nomes, da forma como são postos, como tendo uma dimensão de vínculos, sejam afetivos e/ou relacionais, oriundos das memórias, vivências, experiências e representações. Esses nomes escolhidos pelos participantes são dotados de sentido e significado e há neles rastros de desvelamento de aspectos individual e social, que fazem parte de suas histórias.

No texto de Ferreira (2015), há cinco histórias de aprendizes, narrativas produzidas no âmbito de um curso de extensão. Para tanto, os nomes verdadeiros (real), a partir da autorização das narradoras, foram utilizados e o sentido do nome foi ali exposto. Nenhuma das narradoras queria ser chamada por outro nome, pois aquelas histórias eram delas e não havia intencionalidade de ocultar, mas de revelar. A partir desses acordos, os nomes se misturaram às histórias, até fizeram as histórias, como a narrada por Ricardina (Meu nome e suas polêmicas). As narrativas desse estudo possibilitaram articulações criadoras, aprendizagens, formação e autorformação; reconstrução que atravessam o tempo e vinculam-se à identidade.

Desse modo, os nomes nos estudos de Ferreira (2010; 2014) colaboraram para marcar trajetórias de vida, cuja reconstrução possibilitou a compreensão de aspectos da vida-formação dos participantes e ressignificação da identidade pessoal e profissional, que estão sempre em movimento. Isto porque o momento das narrativas também foi um momento de decisão, de escolha, de significação, de lembrança, de retorno, de movimento; foi momento de se nomear. Essas escolhas marcam “o cotidiano, a dimensão do tempo, a vida e os nossos conhecimentos; marca a nossa formação” (FERREIRA, 2015, p. 1248). Os nomes revelaram histórias plurais, individuais e sociais.

Considerações finais

Na primeira pesquisa, além do nome, e algumas o nome completo e a data de nascimento, as professoras se identificam também pela composição familiar, com nomes de pais e profissão e número de irmãos, número de filhos, local de nascimento, crenças religiosas, situações do seu nascimento. As escolhas do nome têm a ver com ligações com a família (Géssica, Yasmim e Nanete), a antiga professora e a infância (Leci), a amizade e a infância (Keli), a infância e a família (Barbara), e com representações (Estrela, Maria, Carla e Auxiliadora).

Na segunda pesquisa, percebemos que Cientista é nome escolhido e carrega uma marca da infância, vinculado a um talento que possuía; tem relação também com a vida adulta, pois além de professor, ele é mecânico de motos. Já Matilde é um nome que se vinculou ao gosto, à beleza e às memórias da infância. Assim, esses nomes estão ligados a representações.

Desse modo, vale ressaltar a contribuição desse trabalho, pois as narrativas expressam aspectos da identidade, e o nome é parte disso. Esses nomes narrados e contextualizados, e seus sentidos e significados, remeteram a uma discussão sobre identidade e formação desses professores rurais.

REFERÊNCIAS

- CHAMLIAN, H. C. As histórias de vida e a formação do professor universitário. *In*: SOUZA, E. C. (org.). **Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 75-91.
- CIAMPA, A. Identidade. *In*: LANE, S.; CODO, W. (org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CIAMPA, A. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CUNHA, M. I. Conte-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1/2, p. 185-195, jan./dez. 1997.
- DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 mar. 2015.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luiz Passeggi. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 81-95.

FERREIRA, L. G. **Professoras da zona rural**: formação identidade, saberes e práticas. 2010. 262 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

FERREIRA, L. G. **Professores da zona rural em início de carreira**: narrativas de si e desenvolvimento profissional. 2014. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2014.

FERREIRA, L. G. Educação e contemporaneidade: incertezas, práticas e formação docente para a escola rural. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas** (UFSC), v. 12, p. 128-147, 2011a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2011v12n101p128>. Acesso em: 17 dez. 2020.

FERREIRA, L. G. Histórias de vida de professoras rurais: apontamentos sobre questões históricas e políticas de formação. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 20, p. 105-113, 2011b. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-70432011000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 dez. 2020.

FERREIRA, L. G. Histórias de aprendiz: memórias, narrativas e formação docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. 4, p. 1234-1249, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6217>. Acesso em: 02 fev. 2021.

FERREIRA, L. G. Desenvolvimento profissional e carreira docente: diálogos sobre professores iniciantes. **Acta Scientiarum**, v. 39, p. 79-89, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/29143>. Acesso em: 03 dez. 2017.

FERREIRA, L. G. Mandalas Pedagógicas no processo ensino-aprendizagem: saberes e sabores na formação docente. **Práxis Educacional**, v. 15, n. 35, p. 61-76, 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5660>. Acesso em: 11 ago. 2020.

FERREIRA, L. G. Memórias e a formação para a docência: trajetórias de escolarização de professores rurais iniciantes. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 1, n. 1, p. 57-71, 2020a. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7449>. Acesso em: 13 out. 2020.

FERREIRA, L. G. Desenvolvimento profissional docente: percursos teóricos, perspectivas e (des)continuidades. **Educação em Perspectiva**, v. 11, p. 1-18, jul.2020b. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/9326>. Acesso em: 07 set. 2020.

FERREIRA, L. G. Formação de professores e ludicidade: reflexões contemporâneas num contexto de mudanças. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, p. 410-431, 2020c. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7901>. Acesso em: 13 jan. 2021.

FERREIRA, L. G. Desenvolvimento profissional docente: cotidiano e aprendizagem da docência de professores iniciantes. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 6, p. 58-80, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/508/255>. Acesso em: 20 out. 2021.

FERREIRA, L. G.; ANUNCIATO, R. M. M. Ruralidades que atravessam a formação: histórias de vida de professores iniciantes da zona rural. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 6, p. 121-137, 2018a. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/5699>. Acesso: 20 set. 2019.

FERREIRA, L. G.; ANUNCIATO, R. M. M. Cartas que revelam a vida: histórias de professores iniciantes da zona rural. **Práxis Educacional**, v. 14, n. 30, p. 229-246, 2018b. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/4369/3496>. Acesso: 22 ago. 2019.

FERREIRA, L. G.; ANUNCIATO, R. M. M. Início da carreira docente: o que dizem as dissertações e teses brasileiras. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 421-459, 2020. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/5413>. Acesso em: 09 nov. 2020.

FERREIRA, L. G.; PIRES, M. G. P.; FERREIRA, D. S.; DIAS, K. C.; MACEDO, H. S. Um estudo sobre os professores da zona rural e sua formação. **Revista Percurso (Online)**, v. 3, n. 2, p. 41-59, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/49493>. Acesso em: 09 nov. 2020.

FERREIRA, L. G.; FERRAZ, R. D. Por trás das lentes: o estágio como campo de formação e construção da identidade profissional docente. **Revista Hipótese**, v. 7, n. único, p. 301-320, 2021. Disponível em: <https://revistahipotese.emnuvens.com.br/revista/article/view/52>. Acesso em: 20 abr. 2021.

JOSSO, M. C. **Experiência de vida e formação**. Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MINEIRO, M.; A. SILVA, M. A. A. da; FERREIRA, L. G. Pesquisa qualitativa e quantitativa: imbricação de múltiplos e complexos fatores das abordagens investigativas. **Momento** -

Diálogos em Educação, v. 31, n. 03, p. 201–218, 2022. Disponível em:
<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/14538>. Acesso em: 25 nov. 2022.

NIAS, J. **Changing Times, Changing Identities**: Grieving for a Lost Self. Educational Research and Evaluation. Lewes: The Falmer Press, 1991.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NOVOA, A. (org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 11-30.

PINEAU, G. Experiências de aprendizagem e histórias de vida. *In*: CARRÉ, P.; CASPAR, P. **Tratado das Ciências e das Técnicas de formação**. Trad. Pedro Seixas. Lisboa: Instituto de Piaget, 1999. p. 327-348.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIOS, J. A. V. P. O lugar do nome e da tradição familiar na constituição das identidades: histórias de vida de alunos e alunas da roça. *In*: SOUZA, E. C. (org.). **Memória, (auto)biografia e diversidade**: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 275-288.

SAMPAIO, C. S. Pesquisa com o cotidiano e as opções interessadas da ação pesquisadora. *In*: FERRAÇO, C. E.; PEREZ, C. L. V.; OLIVEIRA, I. B. (org.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP et Alli, 2008. p. 47-64.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-103.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

SOUZA, E. C. (Auto) biografia, histórias de vida e prática de formação. *In*: NASCIMENTO, A. D; HETKOWSKI, T. M. (org.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74.

SOUZA, E. C. A formação como processo de conhecimento: histórias de vida e abordagem (auto)biográfica. *In*: ARAÚJO, M. S. *et al.* (org.). **Vozes da Educação**: memória, história e formação de professores. Petrópolis, RJ: DP et. alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2008. p. 85-102.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Sim. Aprovação através do CAAE 72103517.4.0000.0056.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais estão presentes nas referências.

Contribuições dos autores: Como se trata de autoria única, sou a responsável por todas as etapas de construção do artigo.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

